

ATRAVESSAMENTOS DO FEMINISMO, PERIFÉRICO E PEDAGÓGICO; O SER-MULHER NA COMUNIDADE DA CHATUBA: UMA ANÁLISE DOS SUJEITOS FEMININOS DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

Thaiza Silva de Oliveira Veterinario ¹

INTRODUÇÃO

O feminismo é um movimento social que vem ganhando destaque e enriquecendo debates no cenário contemporâneo. Muito se tem refletido sobre o arranjo patriarcal em nossa sociedade, sua opressão e sobre a importância da mulher se reconhecer, se empoderar e ocupar diversos espaços escolhidos por elas mesmas e não impostos por um padrão social que reduz o gênero feminino a um entre-lugar.

Mesmo sendo essa uma temática recorrente nos estudos atuais sobre gênero, muito ainda se tem a refletir e problematizar sobre a luta pela igualdade de gênero pois mesmo notando certo ganho nas conquistas femininas, ainda estamos longe de chegar ao fim da dominação masculina como sistema predominante. Em praticamente toda história da humanidade, as mulheres foram consideradas menos do que os homens, por isso, a importância da luta diária do feminismo não só pela igualdade de gêneros, mas também pela liberdade de expressão feminina.

O estudo baseado no feminismo sempre buscou igualdade entre os sexos, bem como considerar tudo que foge do que é estabelecido como normal ou que escapa da ordem, da moral e dos bons costumes, por isso tornou-se um movimento tão polêmico.

(...) Os estudos feministas constituem-se, assim, como um campo polêmico, plural, dinâmico e constantemente desafiado; um campo que tem o autoquestionamento como “marca de nascença”. Como consequência, isso implica um fazer científico que supõe lidar com a crítica, assumir a subversão e, o que é extremamente difícil, operar com as incertezas (LOURO, 2002, p.14).

“A restauração do respeito próprio da mulher é a essência do movimento feminista. A mais substancial das vitórias políticas não pode ter valor mais alto que este: o de ensinar a mulher a não depreciar o próprio sexo.” (ANTONY *apud* HOBSBAWN, 2011, p.301). O movimento feminista é uma temática que sempre me suscita várias inquietações, gerando o desejo de mergulhar numa pesquisa cujo o tema central seja esse. Se considerar feminista é praticar diariamente o exercício da alteridade e do respeito.

A cidade de Mesquita é um município da Região Metropolitana do estado do Rio de Janeiro. Emancipou-se em 1999 do município vizinho, Nova Iguaçu, sendo o município mais novo da Baixada Fluminense e do estado do Rio de Janeiro. O bairro da Chatuba é um entre os dezessete bairros que compõem o município, sendo este o bairro mais populoso, mais periférico e mais estigmatizado da região. Bairro marcado pela pobreza, risco social e predominantemente habitado por negros.

Ademais, componho o corpo docente de uma escola municipal situada no bairro supracitado, escola que vem se destacando no município com um histórico de vanguarda a partir da realização de projetos pedagógicos cujas temáticas trazem à reflexão questões ligadas as relações étnico-raciais e de gênero. Frente essa realidade que marca a identidade do bairro, em 2018, a escola desenvolveu um projeto multidisciplinar sob o título *Nenhuma a*

¹ Mestranda em Educação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro- UFRRJ, thaizamr@hotmail.com;

menos para sermos mais. Como educadores, por intermédio deste projeto, buscamos formar uma nova geração de meninas empoderadas capazes de transformar a realidade social em que estão inseridas e ajudar a fomentar novas mentalidades masculinas que respeitem e valorizem o papel da mulher na sociedade. Trabalhando com crianças e com a cultura lúdica no ensino fundamental, percebemos nos brinquedos e no brincar o quanto questões de gênero estão impregnadas em socionarrativas que reforçam estereótipos numa sociedade que embora seja contemporânea, ainda se mostra arcaica e de pouca mobilidade. Destarte, nesta pesquisa, proponho-me a ser um observador-participante capaz de analisar, intervir e propor desdobramentos deste projeto pedagógico.

Partindo de questões históricas, culturais e sociais que perpassam pela construção do paradigma de mulher ideal, pretendo investigar como a mulher jovem de periferia e estudante da escola pública se posiciona e/ou entende as problematizações do empoderamento feminino. O presente estudo tem por objetivo principal, analisar as relações de gênero e educação no âmbito escolar e disseminar os estudos de gênero nas escolas através da perspectiva feminista.

A pesquisa traz como referenciais teóricos principais os estudos de Beauvoir, Butler, Guacira Louro, Jonas Alves, Djamila Ribeiro e epistemologias outras dentro da discussão de gênero, educação, construção de identidades e feminismos.

METODOLOGIA

No presente estudo pretende-se pesquisar os atravessamentos do feminismo encarando como *Locus* de pesquisa a figura da mulher periférica através dos sujeitos femininos de uma escola municipal situada no bairro da Chatuba, município de Mesquita, Baixada Fluminense - RJ. Neste sentido, usaremos alguns critérios metodológicos como a utilização de uma abordagem de inspiração etnográfica, qualitativa, através de estudo de caso, usando ferramentas como entrevistas estruturadas e semiestruturadas direcionadas ao corpo docente e discente da unidade escolar, observação participante e revisão bibliográfica.

Quanto ao paradigma de pesquisa, amparado na literatura contida em Ritzer (1993) será utilizado o paradigma da definição social, onde o foco está nos atores/sujeitos e no modo em que eles constroem sua realidade social

Relativo às técnicas, tomando como base o livro *Técnicas de Pesquisa* de Marconi e Lakatos (2017), utilizaremos a documentação indireta por meio de pesquisa documental e fontes estatísticas e de artigos públicos da secretaria de educação do município de Mesquita.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa se caracteriza por traçar um breve histórico do movimento feminista no Brasil e no mundo, investigando se esse discurso chega nas periferias, mais especificamente em uma escola pública de um bairro periférico localizado no município de Mesquita-RJ. A análise dos discursos e percepções desses sujeitos femininos se dará através de um marco precursor: o projeto de empoderamento feminino desenvolvido ao longo do ano de 2018. Ao decorrer dos estudos de pesquisa planejamos mostrar a importância da identificação desses sujeitos com o feminismo e o quanto esse movimento pode apoiar a luta dessas mulheres que se encontram nas periferias.

No desenvolvimento da pesquisa buscamos também explorar e aprofundar alguns conceitos chave para entendimento universal do tema. O conceito de gênero como entendemos hoje, é um conceito recente se levarmos em consideração o fator histórico. De igual modo, é um conceito que não possui longo alcance quando analisamos sua circulação

em meios extra-acadêmicos. Com o aumento dos discursos conservadores que são veiculados em massa pela grande mídia, os conceitos de gênero e sexualidades são terrivelmente deturpados quando chegam ao encontro dessa parte da população desfavorecida economicamente. Sem contar os discursos religiosos que possuem grande peso nas periferias e corroboram para a confusão de significados dos termos. Devido esses fatores encontramos resistência dos alunos e, principalmente responsáveis, ao levantar para debate assuntos ligados a temática de gênero. Portanto, foi – e continua sendo – necessário desmistificar a nuvem cabulosa que paira sobre o vocábulo gênero.

Para Louro (1997) a reflexão sobre esses conceitos se constitui a partir de uma nova linguagem onde a expressão gênero se destaca como um juízo indispensável. Para que possamos entender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade é propício esquadrihar não só seus sexos, mas tudo que envolve socialmente a construção sobre os sexos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa ainda se encontra em fase inicial de construção, não apresentando ainda os resultados totais e precisos. Entretanto, podemos, a partir da observação, destacar como resultado parcial, a identificação de responsáveis do gênero feminino com o projeto de empoderamento desenvolvido pela escola. Se tratando de uma escola localizada na periferia, encontramos alguns padrões que se repetem, como por exemplo mães que sustentam sozinhas seus lares e mulheres que sofrem algum tipo de violência física e/ou psicológica. Ao longo do ano e do desdobrar do projeto, o corpo docente recebeu alguns testemunhos de mulheres que através do aprendizado transmitido em casa pelos filhos/as ou através das apresentações das turmas, muitas reconheceram a necessidade de se identificarem com os ideais de luta femininos e sobre a necessidade que temos, como mulheres, de nos posicionarmos frente a uma sociedade que tenta a todo custo nos engolir.

Cabe esclarecer que durante o desenvolvimento deste projeto pedagógico o uso da palavra *feminismo* foi evitado. O corpo docente, em comum acordo, decidiu por manter a cautela quanto ao uso do termo devido alguns fatores relevantes, entre eles: o cenário conservador que se apresenta a nós na atualidade e a preservação da integridade física e mental dos profissionais ao lidar com questões polêmicas numa comunidade onde o uso da força e da violência são garantias de manutenção da ordem vigente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta era do pós-moderno e do avanço de ideologias e discursos conservadores, lidamos diariamente com ataques no campo da formação e pesquisa em educação. Diante essa realidade faz-se necessário e urgente que a escola se posicione e promova uma formação crítica e política aos alunos capaz de gerar em nós a esperança de dias melhores. Para isso torna-se prudente abandonarmos velhas práticas, rompermos velhos paradigmas e ressignificarmos aprendizados deixando de pautá-los nessa visão de mundo hegemônica, patriarcal e excludente.

Uma prática pedagógica que objetiva à redução das desigualdades e o combate à discriminação deve ser pautada nos princípios dos Direitos Humanos. Conforme já prevê o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos PNEDH, documento que caracteriza-se como uma política pública que orienta ações educativas, (BRASIL, 2007, p. 07):

“Educar em direitos humanos é fomentar processos de educação formal e não formal, de modo a contribuir para a construção da cidadania, o conhecimento dos direitos fundamentais, o respeito à pluralidade e à diversidade sexual, étnica, racial, cultural, de gênero e de crenças religiosas.”

Ao propormos um modelo de ensino pautado sob a diversidade e a educação em direitos humanos, buscamos contribuir para criação de novas gerações, novas mentalidades e seres abertos a reflexão e ao diálogo com disposição para contribuir com a criação de um mundo mais justo. Através de uma ação pedagógica conscientizadora e libertadora, nos voltamos para o respeito e valorização da diversidade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo – fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BRASIL. Ministério da educação. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos. Brasília, 2007.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* / Judith Butler; tradução, Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, (2003 [1990]).

CRESWELL, Jonh W. & CLARK, Vicki L. Plano. *Pesquisa de métodos mistos*. Porto Alegre: Penso, 2013.

JUNIOR, J. A. d. S. (2010). Rompendo a mordaza: Representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade. Universidade de São Paulo.

LOURO, Guacira. *Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças. Coletânea Gênero plural*. Miriam ADELMAN; Cilsibrönstrup SILVESTRIN (organizadoras). Curitiba. UFPR, 2002.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade & LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de Pesquisa*. GEN/Atlas, 2017, 8ª edição.

RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* / Djamila Ribeiro. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

RITZER, George. *Teoria Sociologica Contemporanea*. Madrid: McGRAW-HILL/ Interamericana de España, S. A., 1993.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).